



CAMINHOS DE COMUNHÃO

Propostas temáticas para 2026-2027



Por uma Igreja sinodal
comunhão | participação | missão

Caderno 2

**COMO PROSSEGUIR UM CAMINHO RUMO A
UMA IGREJA CONSTITUTIVAMENTE SINODAL?**

A PALAVRA DO PAPA LEÃO XIV

“O caminho da sinodalidade é um caminho de comunhão para a missão, no qual todos somos chamados a participar(...) Para prosseguir neste caminho, referistes a importância da formação. Formação para a escuta, formação para uma espiritualidade da escuta. Em particular – sublinhastes – nos seminários. Mas também para os bispos! (...) A formação de todos. A formação nos seminários, dos sacerdotes, dos bispos e dos colaboradores leigos deve estar enraizada na vida ordinária e concreta da Igreja local, das paróquias e de tantos outros lugares significativos onde se encontram as pessoas, em particular aquelas que sofrem. Como aqui observastes, não bastam um ou dois dias, nem mesmo uma semana, para aprofundar um tema a ponto de o viver. Seria importante, portanto, que o nosso modo ordinário de trabalhar juntos fosse uma ocasião de formação e crescimento para aqueles com quem trabalhamos, a todos os níveis, desde o paroquial ao da Cúria Romana. Onde, por exemplo, se pode ordinariamente crescer num estilo sinodal é nas visitas pastorais. Também todos os organismos de participação devem ser revitalizados.

Porém, tudo isto está relacionado com o caminho de implementação do Sínodo, que prossegue e terá uma etapa fundamental na Assembleia Eclesial programada para o ano de 2028. Encorajo-vos a ser fermento deste caminho. É um caminho para a missão da Igreja, um caminho ao serviço do anúncio do Evangelho de Cristo (...).”

*Papa Leão XIV, Discurso no encerramento
do Consistório Extraordinário de janeiro de 2026*

PREFÁCIO

Em cada tempo, a Igreja é chamada a escutar atentamente o sopro do Espírito de Deus. Hoje, essa escuta acontece num mundo em rápidas mudanças, feridas abertas e onde o Homem vive com uma profunda sede de esperança. A revolução tecnológica e digital em curso e as transformações sociais reconfiguram a forma como estamos, como nos relacionamos e como entendemos o mundo e os acontecimentos. No seio da Igreja há também desafios que nos interpelam para que possamos continuar a ser fiéis à missão confiada por Jesus de anunciar o Evangelho a todas as criaturas.

É neste âmbito que a sinodalidade se revela uma graça e um caminho fundamental a percorrer na vida da Igreja do tempo presente. A sinodalidade não é apenas um conceito vago, mas o modo concreto de ser Igreja onde o Povo de Deus caminha junto, escuta, discerne e partilha responsabilidades na missão.

O processo sinodal em curso desde 2021, que brota do coração do Evangelho e da própria identidade da Igreja como Povo de Deus reunido pela ação do Espírito Santo que a guia e conduz, resultou no Documento Final do Sínodo que foi aprovado e promulgado pelo Papa Francisco no final da II Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a 26 de outubro de 2024, incorporando-o assim no magistério da Igreja e indicando o caminho a seguir para uma Igreja mais sinodal.

Encontramo-nos agora na fase de receção e implementação do Documento Final nas comunidades locais rumo à Assembleia Eclesial de 2028. É uma oportunidade de renovação da ação pastoral em cada grupo, comunidade, paróquia e diocese, mas é também um caminho que exige profunda conversão pessoal e comunitária, o cultivo da escuta, da abertura ao outro, do discernimento comum e a coragem para rever hábitos instalados.

Estas publicações mensais preparadas pela Equipa Sinodal da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) nascem depois do II Encontro

Sinodal Nacional que se realizou em Fátima, a 10 de janeiro de 2026, onde a proposta apresentada foi considerada uma ferramenta útil para aprofundar e concretizar o caminho sinodal. Inspiradas na experiência eclesial de outras Igrejas particulares, as publicações pretendem oferecer pistas de reflexão que contribuam para consolidar a sinodalidade como prática estruturante da vida das comunidades cristãs.

De fevereiro de 2026 até fevereiro de 2027, desejamos que este subsídio seja um ponto de partida para fecundas conversações no Espírito e um contributo para fortalecer a comunhão, promover a participação e renovar a missão, ajudando as comunidades a concretizar as orientações sinodais e a caminhar juntas, na fidelidade a Jesus e ao seu Evangelho, para O anunciar com alegria e esperança.

Equipa Sinodal da CEP

CONJUNTO DE TEMAS

FEVEREIRO 2026	A sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja – Fundamentos bíblicos, teológicos e eclesiológicos – A sinodalidade no Documento Final e no magistério do Papa Francisco
MARÇO 2026	Como prosseguir um caminho rumo a uma Igreja constitutivamente sinodal? – Sinodalidade como estilo, processo e estrutura – Entre conversão espiritual e reforma institucional
ABRIL 2026	Igreja hierárquica e Igreja sinodal: tensão ou complementaridade? – Autoridade, serviço e corresponsabilidade – Superar polarizações e falsas dicotomias
MAIO 2026	Gestão e superação de conflitos numa Igreja sinodal – Conflito como lugar teológico – Mediação, escuta e reconciliação eclesial
JUNHO 2026	O <i>sensus fidei</i> do povo de Deus: fundamento e desafios – Escuta do Povo de Deus e participação real – Limites, critérios e discernimento do <i>sensus fidei</i>
JULHO 2026	Discernimento comunitário: coração da sinodalidade – Dimensão espiritual do discernimento – Práticas concretas e critérios de autenticidade
AGOSTO 2026	Processos sinodais e tomada de decisões – Consulta, deliberação e decisão – O papel da autoridade no processo sinodal
SETEMBRO 2026	Sinodalidade e ministérios: uma Igreja toda ministerial – Batismo, carismas e serviços – Superar clericalismos e reducionismos

OUTUBRO 2026	O papel dos diáconos numa Igreja sinodal – Diaconia, liturgia, Palavra e caridade – Potencialidades pouco exploradas
NOVEMBRO 2026	Presbíteros e bispos numa Igreja sinodal – Liderança sinodal, colegialidade e comunhão – Conversão do exercício do ministério ordenado
DEZEMBRO 2026	Vida consagrada e sinodalidade – Testemunho profético, escuta e mediação – Relação entre carisma e instituição
JANEIRO 2027	Sinodalidade e direito canónico: desafios e possibilidades – Potencialidades do Código de Direito Canónico – Pistas e sugestões para revisão e desenvolvimento normativo
FEVEREIRO 2027	A vocação dos leigos na Igreja Sinodal - Corresponsabilidade diferenciada e participação ativa - Batizados em missão na vida quotidiana

INTRODUÇÃO

Este caderno é parte de uma série de treze publicações mensais preparadas pela Equipa Sinodal da Conferência Episcopal Portuguesa. O seu objetivo é ajudar as comunidades a acolher, compreender e pôr em prática o Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Inspirada nos *Cuadernillos de Sinodalidad*, elaborados pelo Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (CELAM), esta coleção pretende oferecer pistas de reflexão bíblica, teológica e pastoral, juntamente com instrumentos práticos que apoiem a vivência concreta da sinodalidade nas comunidades cristãs.

O primeiro caderno apresentou os fundamentos bíblicos e teológicos que sustentam a sinodalidade como uma dimensão essencial da vida da Igreja. Este segundo caderno dá continuidade a esse caminho e propõe uma pergunta central: como continuar a avançar rumo a uma Igreja constitutivamente sinodal? Como fazer da sinodalidade a forma habitual de viver, decidir e agir na Igreja?

O Documento Final do Sínodo descreve a sinodalidade como o “modo de viver e operar” (DF 30) em que todo o Povo de Deus caminha junto, escuta, discerne e assume a missão de forma corresponsável. Numa Igreja constitutivamente sinodal, a sinodalidade não se limita a iniciativas ocasionais. Torna-se um modo de viver, discernir e organizar a vida eclesial. Não se trata simplesmente de acrescentar novas atividades à agenda pastoral ou de multiplicar reuniões, mas de permitir que a própria vida da Igreja se torne cada vez mais sinodal, transformando o seu modo de ser, de decidir e de se organizar para ser “mais participativa e missionária” (DF 28).

A partir deste segundo caderno, propõe-se o percurso “Interiorizar – Iluminar – Escutar e Discernir – Decidir e Caminhar”. Esta sequência oferece um roteiro prático que pode ser utilizado pelas comunidades para prosseguir o caminho sinodal. Como disse o Papa Francisco na

saudação final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, este é o verdadeiro “estilo sinodal (...): escutar, convocar, discernir, decidir e avaliar. E nestes passos são necessárias as pausas, os silêncios e a oração. É um estilo que estamos a aprender juntos, um pouco de cada vez. O Espírito Santo chama-nos e sustenta-nos nesta aprendizagem, que devemos compreender como um processo de conversão.”

Este caderno foi pensado para ser lido com calma e em clima de oração. Pode igualmente servir como instrumento de formação, discernimento comunitário e ação pastoral. Não pretende ser um “manual de técnicas”, mas um convite a uma verdadeira conversão eclesial, na qual espiritualidade e renovação caminham juntas. Deste modo, a sinodalidade poderá afirmar-se cada vez mais como o modo próprio de ser da Igreja: viver a comunhão, discernir com fidelidade ao Evangelho e sustentar a missão.

CADERNO 2

COMO PROSSEGUIR UM CAMINHO RUMO A UMA IGREJA CONSTITUTIVAMENTE SINODAL?

1

INTERIORIZAR: A CONVERSÃO DO CORAÇÃO

“A sinodalidade é, antes de mais, uma disposição espiritual que permeia a vida quotidiana dos batizados e todos os aspetos da missão da Igreja. Uma espiritualidade sinodal nasce da ação do Espírito Santo e requer a escuta da Palavra de Deus, a contemplação, o silêncio e a conversão do coração.” (DF 43)

A conversão espiritual é indispensável para a concretização do caminho sinodal. Antes de pensar em reformas institucionais, é preciso deixar que este estilo de ser Igreja nos toque interiormente e transforme o modo como estamos e nos relacionamos. Só assim as mudanças serão expressão de uma fé vivida, de um coração convertido, e não apenas fruto de uma lógica técnica ou administrativa.

Este primeiro momento está pensado para um tempo de reflexão pessoal. Poderá ser útil para discernir o que precisamos de alterar na nossa mentalidade, como podemos vencer resistências interiores, que falsas ideias devemos abandonar e que dons devemos partilhar.

Oração inicial

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso Amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Leitura

Lc 24, 13-35 – No caminho de Emaús

Interpelação breve CAMINHAR JUNTOS

“No relato dos discípulos de Emaús, o evangelista Lucas esboça uma imagem viva da Igreja como Povo de Deus que, ao longo do caminho, é guiado pelo Senhor Ressuscitado que o ilumina com a sua Palavra e o nutre com o Pão da vida.” (CTI, A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, 16)

Dois discípulos caminham para Emaús e partilham entre si a frustração e o desencanto sobre o que tinha acontecido em Jerusalém. Estão desiludidos, confusos, com o coração pesado. Tinham esperado muito... tinham acreditado... tinham sonhado. Agora sentem que tudo se desfez.

Enquanto percorrem esse caminho marcado pela perda, pelas perguntas e pelo desencanto, Jesus aproxima-se. Não os interrompe logo e não lhes impõe uma resposta. Primeiro caminha com eles, faz-lhes perguntas, escuta-os, deixa-os falar e acolhe a sua dor e o seu olhar ferido sobre os acontecimentos. Só depois abre as Escrituras e ilumina a experiência que viveram, ajudando-os a discernir. À mesa, no gesto do pão repartido, os olhos dos discípulos abrem-se e reconhecem o Mestre. O desânimo dá lugar à profunda alegria e compreendem então a sua missão: regressar a Jerusalém e anunciar a Ressurreição de Jesus.

Esta passagem bíblica ilustra o “caminhar juntos” como dimensão fundamental da vida da Igreja e ajuda-nos a compreender o que é essencial na sinodalidade: Jesus Ressuscitado não conduz os seus discípulos à distância, mas faz-se companheiro de caminho. Escuta antes de ensinar, ilumina sem desvalorizar o que sentem, reúne o que estava disperso e devolve os discípulos à comunidade.

Uma Igreja sinodal aprende este estilo do próprio Cristo: ‘caminha com’, escuta, interpreta à luz da Palavra, reconhece a presença do Senhor e regressa à missão.

Perguntas de ressonância

- Que palavra ou imagem deste texto me toca mais?
- Em que momentos sinto “o coração a arder”?
- O que me desanima ou faz perder esperança?
- Na minha vida, que ruídos, conversas ou preocupações me impedem de reconhecer Jesus que caminha ao meu lado?
- A quem é que eu resisto escutar porque “não vai acrescentar nada”?
- Na minha comunidade, quem está a caminhar sem acolhimento, desanimado ou invisível?
- Em que pessoas, conversas ou pequenos sinais Jesus pode estar a aproximar-se sem eu reconhecer?
- Em que situações me afastei do essencial, do Evangelho como critério, da atenção aos feridos, da alegria da missão?

Ação

O caminho sinodal pede uma conversão real e uma prática espiritual concreta. Como os discípulos de Emaús, “regressa a Jerusalém” e escolhe um gesto pequeno e possível para concretizares na tua vida.

Alguns exemplos:

- Antes de intervir numa reunião, fazer um breve silêncio interior.
- Procurar escutar até ao fim uma pessoa com quem discordo.
- Dar atenção a quem nunca ou raramente é ouvido.
- Fazer, no fim do dia, um pequeno exame espiritual sobre o meu modo de participar na vida comunitária.

Oração final

Escreve uma alegria e uma ferida que sentes na tua comunidade e transforma-as em oração.

Começa assim: “Jesus, fica connosco quando...”

ILUMINAR: O QUE DIZ A SAGRADA ESCRITURA E O QUE A IGREJA ENSINA

“A sinodalidade é o caminhar juntos dos Cristãos com Cristo e para o Reino de Deus, em união com toda a humanidade; orientada para a missão, implica o encontro em assembleia nos diversos níveis da vida eclesial, a escuta recíproca, o diálogo, o discernimento comunitário, a formação de consensos como expressão da presença de Cristo no Espírito e a tomada de uma decisão em corresponsabilidade diferenciada.” (DF 28)

Prosseguir rumo a uma Igreja constitutivamente sinodal – “o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio”, como disse o Papa Francisco – é deixar transparecer aquilo que a Igreja é: Povo de Deus convocado pelo Pai, reunido em Cristo e conduzido pelo Espírito, onde todos os batizados, caminhando e discernindo em conjunto, participam na missão segundo os seus dons, carismas e ministérios.

A sinodalidade não se reduz a um simples método de trabalho ou um momento passageiro da vida eclesial, mas sim como forma de a Igreja se compreender e viver a partir do Evangelho. Na Sagrada Escritura encontramos vários testemunhos de como o Espírito Santo conduz a Igreja através da escuta, do discernimento e da corresponsabilidade. Estes textos ajudam-nos a reconhecer que o caminho sinodal tem raízes profundas:

- Nos Atos dos Apóstolos encontramos a descrição da vida de uma comunidade modelo (At 2, 42-47). Ainda que de forma embrionária, podemos reconhecer aí quatro elementos fundamentais da sinodalidade: a escuta da Palavra, a partilha fraterna, o discernimento comunitário e a missão vivida com alegria.

- No Concílio de Jerusalém (At 15), perante uma questão decisiva para a comunidade, todos entram num processo de escuta, debate, discernimento e decisão que culmina na expressão: “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At 15, 28). Este episódio mostra que a Igreja nasce e cresce através da procura comum da vontade de Deus, e não através de lógicas impositivas. A Igreja escuta a experiência, interpreta os sinais da ação de Deus, confronta posições diferentes, deixa-se iluminar pela Palavra e procura, em comum, a vontade de Deus.
- Nas cartas aos Coríntios (1Cor 12, 4-27) e aos Efésios (Ef 4, 1-16), encontramos a imagem da Igreja como um só corpo com muitos membros, onde a diversidade de dons e ministérios manifesta a riqueza do Espírito e permite que toda a comunidade participe na missão segundo a vocação própria de cada um.

Estes testemunhos mostram que, desde o início, a Igreja cresce quando aprende a escutar o Espírito, a dialogar nas diferenças e a procurar juntos a vontade de Deus. A sinodalidade não é, por isso, uma novidade organizativa, mas uma forma de viver a comunhão e a missão que tem as suas raízes na própria vida das primeiras comunidades cristãs.

Perguntas de ressonância

- Atendendo à experiência da Igreja primitiva (At 15), que elementos de escuta, diálogo e discernimento reconhecemos ou sentimos faltar nas nossas comunidades?
- De que modo a consciência de que todos os batizados participam na missão da Igreja (1Cor 12; Ef 4) está realmente presente na vida da nossa comunidade?
- Que experiências concretas já vivemos em que sentimos que a comunidade caminhou unida na busca da vontade de Deus?

2.1. SINODALIDADE COMO ESTILO, PROCESSO E ESTRUTURA

À luz desta experiência bíblica e da reflexão da Igreja ao longo dos séculos, a sinodalidade pode ser compreendida em três aspetos interligados, como recorda o Documento Final do Sínodo em sintonia com a Comissão Teológica Internacional: como estilo de vida eclesial, como conjunto de processos e estruturas que sustentam a participação e a corresponsabilidade e como expressão concreta em eventos sinodais nos vários níveis da vida da Igreja. Esta articulação reflete a sua natureza constitutiva, enraizada na comunhão trinitária e na missão evangelizadora, tornando a Igreja mais relacional, participativa e missionária (DF 30-31).

A sinodalidade é, em primeiro lugar, um **estilo** eclesial — um *modus vivendi et operandi* — que impregna a vida da Igreja. Não se trata de uma forma de agir ocasional, mas do “modo ordinário de viver e de agir” (CTI 70a). Isto significa que uma comunidade sinodal se reconhece pela forma como escuta, acolhe, dialoga, discerne e serve, tornando a comunhão visível no seu quotidiano. O Papa Francisco, na comemoração do cinquentenário do Sínodo dos Bispos (17 de outubro de 2015) afirmava que “uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta” na qual o “Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma” se escutam mutuamente e todos escutam o Espírito Santo.

Como **processo**, a sinodalidade realiza-se em caminhos concretos de escuta, discernimento, decisão e avaliação. O Documento Final afirma que “processos de tomada de decisão necessitam de discernimento eclesial” (DF 80) e que o “discernimento eclesial não é uma técnica organizativa, mas uma prática espiritual a ser vivida na fé”. Afirma ainda que “quanto mais todos forem ouvidos, mais rico será o discernimento” (DF 82). Neste caminho, todos são chamados a participar e a ser escutados de diversas formas, segundo a vocação, os carismas, os ministérios e as responsabilidades de cada um.

Finalmente, como **estrutura**, a sinodalidade impulsiona reformas que tornam a Igreja mais participativa, com processos de decisão vividos em corresponsabilidade diferenciada, procurando articular a escuta de todo o Povo de Deus com o serviço pastoral daqueles que receberam uma missão específica na Igreja. A Comissão Teológica Internacional fala explicitamente de “estruturas e processos eclesiais” nos quais a natureza sinodal da Igreja se exprime institucionalmente, aos níveis local, regional e universal (CTI 70b). O Documento Final concretiza esta ideia ao afirmar que a participação dos batizados nos processos de decisão se realiza “através de mediações institucionais, antes de mais os organismos de participação” já previstos pelo direito canónico, como o sínodo diocesano, o conselho presbiteral, os conselhos pastorais e os conselhos para os assuntos económicos (DF 103).

O Papa Leão XIV, no seu discurso à Diocese de Roma, por ocasião da abertura do novo ano pastoral (19 de setembro de 2025) afirmou que cabe a todos “lançar mãos à obra” para que a Igreja local se torne “laboratório de sinodalidade” e que é necessário “trabalhar pela participação ativa de todos na Igreja”. Neste âmbito, o Santo Padre reforçou que os organismos de participação “ajudam o Povo de Deus a exercer plenamente a sua identidade batismal, fortalecem o vínculo entre os ministros ordenados e a comunidade, e orientam o processo que vai do discernimento comunitário às decisões pastorais”.

Perguntas de ressonância

- A nossa comunidade deixa transparecer, no modo de escutar, dialogar e servir, um verdadeiro estilo sinodal?
- Os nossos encontros e organismos de participação ajudam realmente a discernir juntos à luz do Espírito Santo ou limitam-se sobretudo à gestão de atividades?
- Que passos concretos poderíamos dar para tornar mais sinodais o estilo, os processos e as estruturas da nossa vida comunitária?

2.2. CONVERSÃO ESPIRITUAL E REFORMA INSTITUCIONAL

Um dos pontos mais importantes do caminho sinodal é esta dimensão dupla e inseparável: não há verdadeira reforma institucional sem conversão espiritual. “A sinodalidade é um caminho de renovação espiritual e de reforma estrutural para tornar a Igreja mais participativa e missionária, isto é, para a tornar mais capaz de caminhar com cada homem e mulher irradiando a luz de Cristo” (DF 28). Por isso, toda a renovação autêntica da vida eclesial começa no coração das pessoas e nas relações que constroem a comunidade.

O Documento Final recorda também que esta renovação começa no coração de cada pessoa: “A conversão sinodal convida, deste modo, cada pessoa a alargar o espaço do seu coração, o primeiro ‘lugar’ onde ressoam todas as nossas relações, enraizadas na relação pessoal de cada um com Cristo Jesus e com a sua Igreja. É esta a fonte e a condição para qualquer reforma em chave sinodal dos laços de pertença e dos lugares eclesiais” (DF 110). Nesta perspetiva, a sinodalidade implica uma transformação das atitudes e das relações no interior da comunidade cristã.

A Comissão Teológica Internacional sublinha que a conversão pastoral necessária à realização de uma Igreja mais sinodal exige superar alguns paradigmas ainda presentes na cultura eclesial. Entre eles, a concentração da responsabilidade da missão no ministério dos Pastores, a insuficiente valorização dos dons carismáticos e a escassa valorização da contribuição própria dos fiéis leigos, nomeadamente das mulheres (CTI 105).

Neste sentido, a mesma Comissão propõe que se promova, em todos os níveis da vida eclesial, a reciprocidade entre o ministério dos Pastores, a participação e corresponsabilidade dos leigos e os impulsos provenientes dos dons carismáticos, alimentando tudo isso numa “conversão pessoal à espiritualidade de comunhão” (CTI 106-107). Adverte ainda que, sem conversão do coração e da mente, os

instrumentos exteriores da comunhão poderiam tornar-se “simples máscaras sem coração nem rosto” (CTI 107).

“Em termos simples e sintéticos, pode-se dizer que a sinodalidade é um caminho de renovação espiritual e de reforma estrutural para tornar a Igreja mais participativa e missionária, isto é, para a tornar mais capaz de caminhar com cada homem e mulher irradiando a luz de Cristo.” (DF 28)

Perguntas de ressonância

- Que atitudes espirituais — escuta da Palavra, oração, confiança, humildade — precisamos de cultivar mais profundamente para crescer na sinodalidade?
- Em que situações sentimos ainda resistências, medos, clericalismo ou passividade que dificultam a corresponsabilidade dos batizados?
- Que mudanças de mentalidade e de relação seriam necessárias para que a renovação das nossas práticas e estruturas nasça de uma verdadeira conversão espiritual

3

ESCUTAR E DISCERNIR: A VIDA DA COMUNIDADE EM CHAVE SINODAL

“A conversação no Espírito é um instrumento que, mesmo com os seus limites, é fecundo para permitir a escuta e o discernimento do ‘que o Espírito diz às igrejas’. (...) Conversar ‘no Espírito’ significa viver a experiência da partilha à luz da fé e da procura do querer de Deus, numa atmosfera evangélica em que o Espírito Santo pode fazer ouvir a sua voz inconfundível.” (DF 45)

A escuta e o discernimento comunitário são indispensáveis para que o caminho sinodal se torne concreto na vida das comunidades. Depois de acolher a Palavra e o ensinamento da Igreja, é necessário reconhecer, em conjunto, o que o Espírito está a suscitar, o que precisa de conversão e o que pede um passo novo. Só assim a sinodalidade deixa de ser uma intenção e se torna no modo real de ler a vida da comunidade, de valorizar a diversidade e de buscar juntos a vontade de Deus.

Lançamos o desafio a uma reflexão sobre a vida da comunidade que pode ser desenvolvida num grupo, num serviço ou num conselho pastoral. O objetivo é identificar um problema e perceber como é que foi resolvido ou pode vir a ser resolvido.

Oração inicial

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso Amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Identificação de desafios: diagnóstico

Estilo:

- Onde sentimos mais dificuldade em viver a comunhão, a participação e a corresponsabilidade?
- Quem continua a ser pouco ouvido, pouco envolvido ou está afastado da vida da comunidade?
- Que experiências já vividas devemos valorizar por traduzirem um verdadeiro espírito sinodal?

Processos:

- Como nascem e amadurecem as decisões na nossa comunidade? Há oração, escuta, consulta, discernimento e avaliação ou decide-se por hábito, urgência, conveniência ou repetição do que já se fazia?
- Há áreas da vida pastoral onde se nota cansaço, rotina ou falta de participação?
- Que processos parecem bloquear ou dificultar o caminho da comunidade?

Estruturas:

- Os organismos de participação existem apenas no papel ou têm vitalidade real?
- As estruturas ajudam a comunidade a caminhar junta ou funcionam apenas como extensão administrativa de quem já decide?
- Que alterações são necessárias para favorecer maior participação e corresponsabilidade?

Conversão e reforma:

- Que situações da vida da comunidade revelam maior necessidade de renovação?
- Que mudanças de atitude se tornam necessárias entre nós?
- Onde sentimos que é preciso unir mais claramente conversão espiritual e mudança concreta?

Leitura

At 15, 1-35 – Concílio de Jerusalém

Conversação no Espírito

Seguir a descrição simplificada do método da conversação no Espírito em anexo ao caderno

Possíveis questões para escuta e discernimento (escolher só uma):

- O que nos é pedido hoje para crescermos como Igreja sinodal?
- Que prática, processo ou estrutura precisa de ser revista para ajudar a comunidade a caminhar junta?
- Que passo de conversão se torna mais necessário entre nós neste momento?

Oração final

Cada participante pode dizer, em voz alta ou em silêncio, uma breve prece a partir do que foi discernido em conjunto.

Pode partir de uma destas expressões: “Senhor, damos-Te graças porque...”; “Senhor, pedimos-Te perdão porque...”; “Senhor, mostra-nos como...”

4

DECIDIR E CAMINHAR: OS FRUTOS DO DISCERNIMENTO EM PASSOS CONCRETOS

“As Igrejas locais e os agrupamentos de Igrejas são agora chamados a pôr em prática, nos diversos contextos, as indicações autorizadas contidas no Documento, através dos processos de discernimento e de decisão previstos pelo direito e pelo próprio Documento.” (Papa Francisco, Nota de acompanhamento ao Documento Final)

Depois da escuta e do discernimento, a comunidade é chamada a traduzir em escolhas concretas aquilo que foi reconhecendo à luz do Espírito. O Papa Leão XIV, no Discurso à Assembleia da Diocese de Roma (19 de setembro de 2025), convidava as Igrejas locais a tornarem-se “laboratório de sinodalidade” e insistia na necessidade de uma participação ativa de todos, de verdadeiros espaços de comunhão e de uma formação capaz de renovar a vida pastoral.

Apresentamos três propostas que consideramos particularmente relevantes. No entanto, cada comunidade deverá colocar em prática as reformas pastorais que, fruto do seu discernimento, são aquelas que identificam como necessárias.

A) CRIAR OU REVITALIZAR OS ORGANISMOS DE PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal precisa de lugares concretos onde a participação dos batizados se torne real e onde o discernimento comunitário possa ganhar forma pastoral.

A comunidade poderá criar ou revitalizar os organismos já existentes, perceber se estão vivos ou enfraquecidos, e relançá-los como espaços reais de escuta, discernimento e corresponsabilidade pastoral.

Leitura

“Trata-se, antes de tudo, de trabalhar pela participação ativa de todos na vida da Igreja. A este respeito, um instrumento para aumentar a visão de Igreja sinodal e missionária são os organismos de participação. Eles ajudam o Povo de Deus a exercer plenamente a sua identidade batismal, fortalecem o vínculo entre os ministros ordenados e a comunidade, e orientam o processo que vai do discernimento comunitário às decisões pastorais. Por isso, convidamos a reforçar a formação dos organismos de participação e, a nível paroquial, a verificar os passos dados até agora ou, onde tais organismos não existem, a compreender quais são as resistências, para as poder superar.” (Papa Leão XIV, Discurso à Assembleia da Diocese de Roma, 19 de setembro de 2025)

Questões para uma reforma pastoral

- Que organismos de participação existem atualmente na nossa comunidade? Quais precisam de ser criados ou revitalizados?
- A sua composição representa a diversidade da comunidade?
- Que passos concretos são necessários para que estes organismos tenham verdadeira incidência na vida e nas decisões pastorais da comunidade?

Questões para avaliação posterior

- Estes organismos tornaram-se mais vivos e significativos na vida da comunidade?
- Favoreceram uma participação mais alargada e corresponsável?
- Ajudaram a amadurecer decisões pastorais mais partilhadas e mais atentas à missão da comunidade?

B) PROMOVER PRÁTICAS COMUNITÁRIAS DE ESCUTA MÚTUA

Uma Igreja sinodal não se constrói apenas através de organismos de participação, mas também em espaços mais amplos de escuta, consulta e discernimento, no conjunto da vida comunitária, acolhendo a palavra, a experiência e as perguntas de todos.

A comunidade poderá promover espaços e momentos que favoreçam a escuta mútua e nos quais tenham voz não só os membros mais envolvidos, mas também os mais frágeis, os mais silenciosos, os que participam pouco e até aqueles que se sentem afastados ou feridos na relação com a Igreja.

Leitura

“Ninguém é chamado a comandar, todos somos chamados a servir; ninguém deve impor as próprias ideias, todos devemos ouvir-nos reciprocamente; ninguém é excluído, todos somos chamados a participar; ninguém possui toda a verdade, todos devemos procurá-la juntos e humildemente.” (Papa Leão XIV, Homilia no Jubileu das Equipas Sinodais e dos Organismos de Participação, 26 de outubro de 2025)

Questões para uma reforma pastoral

- Que práticas concretas de escuta mútua já existem na nossa comunidade e que outras poderiam ser criadas?
- Quem continua pouco ouvido ou excluído da vida comunitária, incluindo pessoas mais frágeis, afastadas ou críticas em relação à Igreja?
- Que passos concretos podemos dar para que a escuta comunitária se torne mais ampla, mais regular e mais fecunda para o discernimento pastoral?

Questões para avaliação posterior

- A comunidade tornou-se mais capaz de escutar vozes diversas, incluindo as de quem habitualmente fica à margem?

- Estas práticas favoreceram uma participação mais alargada, fraterna e corresponsável?
- Ajudaram a reconhecer melhor os desafios reais da comunidade e a procurar juntos caminhos mais missionários?

C) INSTITUIR ITINERÁRIOS DE FORMAÇÃO

O caminho sinodal requer comunidades formadas, capazes de crescer na fé, na corresponsabilidade e na missão.

A comunidade poderá promover percursos formativos que articulem Palavra de Deus, vida litúrgica, doutrina social da Igreja e leitura cristã dos desafios contemporâneos, envolvendo leigos, consagrados e ministros ordenados. Esta formação deverá ajudar a passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral que gere processos de amadurecimento da fé, amadurece vocações e prepara para a missão no quotidiano.

Leitura

“Vivemos uma emergência formativa e não devemos iludir-nos que é suficiente promover algumas atividades tradicionais para manter vivas as nossas comunidades cristãs. Elas devem tornar-se geradoras: ser ventre que inicia na fé e coração que procura quantos a abandonaram. Nas paróquias há necessidade de formação e, onde não há, seria importante inserir percursos bíblicos e litúrgicos, sem negligenciar as questões que interpelam as paixões das novas gerações, mas que interessam a todos nós: a justiça social, a paz, o complexo problema migratório, o cuidado da criação, o bom exercício da cidadania, o respeito na vida conjugal, o sofrimento mental, as dependências e muitos outros desafios.” (Papa Leão XIV, Discurso à Assembleia da Diocese de Roma, 19 de setembro de 2025)

Questões para uma reforma pastoral

- Que necessidades formativas são hoje mais evidentes na nossa comunidade?
- Que destinatários ou grupos precisam de maior atenção?
- Que passos concretos podem tornar a formação uma prioridade real da vida pastoral?

Questões para avaliação posterior

- Esta proposta favoreceu uma participação mais consciente e madura?
- Houve uma melhoria na valorização dos dons, carismas e ministérios?
- A comunidade tornou-se mais disponível para a missão?

ENCONTRO SINODAL EM PEQUENOS GRUPOS

Método da conversação no Espírito

[descrição simplificada]

PREPARAÇÃO

- Escolher um moderador (para moderar o tempo e o uso da palavra de cada um) e um secretário (para registar apenas aquilo que se quer partilhar em plenário, se for o caso).
- Todo o processo deve decorrer em oração, silêncio e partilha, sempre na escuta do Espírito e na escuta uns dos outros...
- Este esquema está preparado para grupos de 8 pessoas cada.

ORAÇÃO PELO SÍNODO

- Rezar a Oração pelo Sínodo “Adsumus Sancte Spiritus”.

QUESTÃO PARA ESCUTA, DISCERNIMENTO E PROPOSTA

- ***Que Igreja somos chamados a ser a partir da conversão no Espírito?*** [questão apenas como exemplo...]

PRIMEIRA RONDA

- Todos intervêm, cada um por sua vez e com a mesma duração uns dos outros [máximo de 2 minutos cada pessoa], para partilhar o fruto da oração, em relação à pergunta ou tema de reflexão.
- Nesta ronda, não há discussão e todos os participantes simplesmente escutam com profundidade cada pessoa e prestam atenção à forma como o Espírito Santo se move dentro de si mesmos, na pessoa que fala e no grupo como um todo.
- Segue-se um tempo de silêncio para registar os movimentos interiores de cada um [3 minutos].
- *Em suma, esta primeira ronda deve ocupar cerca de 25 minutos no máximo: 22 para partilha-escuta de cada um e 3 para silêncio.*

SEGUNDA RONDA

- Os participantes partilham (um de cada vez e sem se interromperem) o que mais os impressionou na primeira ronda e que moções sentiu durante o tempo de silêncio [máximo de 2 minutos cada pessoa].
 - Também pode haver algum diálogo, mantendo, porém, a mesma atenção espiritual.
 - Depois deste momento segue-se, uma vez mais, um tempo de silêncio [3 minutos].
- *Em suma, esta primeira ronda deve ocupar cerca de 25 minutos no máximo: 22 para partilha-escuta de cada um e 3 para silêncio.*

TERCEIRA RONDA

- Os participantes refletem sobre o que parece ter mais repercussão na conversação e o que lhes tocou mais profundamente, sugerindo moções espirituais.
 - É possível verificar que se aprendeu coisas novas e também que há questões que ficaram por resolver.
 - O momento de diálogo pode terminar com algumas orações espontâneas de gratidão.
 - Os participantes devem decidir sobre aquilo que desejam comunicar e apresentar como síntese no plenário: partilhar 2 propostas e apresentar 5 por escrito. O secretário anotará apenas os pontos que vão ser apresentados em plenário de modo sintético.
- *Esta ronda pode durar cerca de 30 minutos.*

RONDA FINAL E ORAÇÃO

- Breve avaliação e oração final

**O Sínodo não é uma questão de moda,
mas um modo de ser Igreja!**

ORAÇÃO PELO SÍNODO

Adsumus Sancte Spiritus

Eis-nos aqui, diante de Vós, Espírito Santo!

Eis-nos aqui, reunidos em vosso nome!

Só a Vós temos por Guia:

vinde a nós, ficai connosco,

e dignai-vos habitar em nossos corações.

Ensinaí-nos o rumo a seguir

e como caminhar juntos até à meta.

Nós somos débeis e pecadores:

não permitais que sejamos causadores da desordem;

que a ignorância não nos desvie do caminho,

nem as simpatias humanas ou o preconceito

nos tornem parciais.

Que sejamos um em Vós,

caminhando juntos para a vida eterna,

sem jamais nos afastarmos da verdade e da justiça.

Nós vo-lo pedimos

a Vós, que agis sempre em toda a parte,

em comunhão com o Pai e o Filho,

pelos séculos dos séculos.

Amen.